

Across the Wide Missouri / 1951
Assim São os Fortes

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Talbot Jennings, *segundo uma história de* T. Jennings e Frank Cavett, *baseada no livro de* Berbard Devoto *Fotografia* (35 mm, cor): William C. Mellor *Música:* David Raksin *Direcção Artística:* Cedric Gibbons, James Basevi *Montagem:* John Dunning *Intérpretes:* Clark Gable (Flint Mitchell), Ricardo Montalban (Ironshirt), John Hodiak (Brecan), Adolphe Menjou (Pierre), J. Carroll Naish (Looking Glass), Jack Holt (Bear Ghost), Alan Napier (Cap. Humberstone Lyon), George Chandler (Gowie), Richard Anderson (Dick Richardson), Henri Letondal (Lucien Chennault), Douglas Fowley (Tin Cup Owens), Maria Elena Marques (Kamiah), Louis Nicoletti Whitmore (Bit), Russell Simpson (Hoback), John Hartman (Chip). Narrador: Howard Keel.

Produção: Robert Sisk, para a MGM *Cópia:* em 35mm, colorida, versão original falada em inglês e dialectos nativos, legendada electronicamente em português *Estreia Mundial:* 1 de Outubro de 1951 *Estreia em Portugal:* S. Jorge, em 13 de Novembro de 1952 *Primeira apresentação na Cinemateca:* 19 de Novembro de 1993 (“Redescobrir William A. Wellman”).

Nota

A cópia de *Across the Wide Missouri* ficou retida na Alfândega e chegou à Barata Salgueiro praticamente em cima da hora da sessão de dia 2, o que impediu o visionamento de preparação prévio das projecções, que é regra na Cinemateca no caso das cópias que não são da colecção e têm as mais diversas proveniências. A “folha” de Manuel Cintra Ferreira, originalmente escrita em 1993, foi revista e editada nesta ocasião, sem que tenha sido possível cotejá-la com a cópia a apresentar. Teve por base uma cópia com a duração de 77 minutos “É essa cópia que sempre tem circulado e é essa que ainda hoje se exhibe”, escrevia na altura. É também essa a versão que se conta apresentar nas sessões de 2025.

Depois do sucesso de *The Next Voice You Hear* e do trabalho exaustivo de *The Happy Years*, a ideia de Wellman era, simplesmente, descansar por uns tempos. Mas Dore Schary insistiu com ele para que dirigisse o filme que vamos ver. Wellman acedeu com a condição do contrato estipular que a família o poderia acompanhar para os locais de filmagem (mulher e meia-dúzia de filhos, não era bagatela nenhuma). Como as filmagens eram praticamente todas em exteriores (poucas cenas foram filmadas no estúdio) na paisagem do Colorado, o trabalho foi praticamente umas férias. Tudo correu perfeitamente até à estreia. Aí as reacções negativas de algumas *previews* levaram a MGM a tomar o filme nas mãos e a remontá-lo diminuindo também a duração. Mesmo assim os resultados não foram famosos e Wellman nunca mais quis ouvir falar do filme refeito à sua revelia.

Mas qual a razão do pânico da MGM? *Across the Wide Missouri* fugia, praticamente, ao que se fazia no género, e temos um exemplo num filme que Howard Hawks fez no ano seguinte, *The Big Sky*, com o qual o de Wellman tem muitos pontos de contacto: o tema dos caçadores, a índia que serve de guia para os novos territórios, etc., mas obedecia ao estilo e temas caros a Wellman: as relações de um determinado grupo humano, e o tom “documental” da narrativa. Esta última faceta era particularmente dominante e o seu peso ainda se faz sentir neste filme. A crítica de então queixou-se de falta de ritmo e acção, o que era certo, mas tratava-se do próprio tom de *Across the Wide Missouri*. Como *Good-bye, My Lady*, os seus filmes de guerra e um western como *Westward the Women*, o filme é um reportório de situações quotidianas, das relações e conflitos do grupo em viagem. A acção, quando surge, é breve e elíptica, excepto no último ataque dos índios, cuja violência parece ser uma “concessão” de Wellman, e o insólito duelo final de Clark Gable e Montalban, com um remate surpreendente e inédito no género, é também breve. Com os cortes efectuados a MGM tentou “concentrar” o que não havia para o fazer, e, em desespero de causa, arranjou uma “saída” que pôs Wellman a ferver: uma narrativa em *off*, transformando o

filme numa “evocação” do filho do personagem de Clark Gable (a voz é de Howard Keel). Foi pior a emenda que o soneto, porque tal narrativa resulta redundante, limitando-se a ilustrar os acontecimentos, com momentos risíveis (a voz dizendo “O meu pai voltou-se e sorriu”, e Gable volta-se e sorri!). Ora essa voz *off* vem ocupar o lugar de coisas que Wellman filmou. Isto é, um filme eminentemente visual transforma-se num pleonasma. Há quem compare o “massacre” de **Across the Wide Missouri** ao de outra produção da MGM do mesmo ano: **The Red Badge of Courage**, de John Huston.

Ora apesar de tudo isto, o que resta do filme de Wellman revela-se ainda uma obra ímpar, tal como o de Huston. É talvez, com **Westward the Women**, o filme mais “físico” do realizador, aquele em que personagens e natureza formam um corpo único. E é também um dos filmes do género mais avançados para o seu tempo, o que também explica o seu desastre. Aliás outra das críticas que então lhe fizeram é, hoje, um dos seus sinais de modernidade: o respeito pelas línguas diversas dos personagens. É uma verdadeira mescla de dialectos, de uma língua “americana” formada pela aglomeração de expressões e pronúncias de várias origens, onde domina a gestualidade como forma de comunicação. Mas, mais do que isso, pela primeira vez na história do cinema (salvo, ao que parece, um *serial* do começo do sonoro), os americanos nativos, os índios como então lhes chamavam, não falam “inglês” nem o espanhol “mexicanizado” (**Fort Apache**), e sim a sua própria língua, incompreensível para os caçadores que, para além dos gestos mais ou menos conhecidos de todos, recorrem a um intérprete (o que dá a Adolphe Menjou um dos seus mais saborosos papéis). Só muito mais tarde tal fidelidade (e honestidade) voltariam à tela (**A Distant Trumpet**, de Raoul Walsh, em 1964, e **Dances with Wolves**, de Kevin Costner, em 1990). Nenhum se fez com o realismo de **Across the Wide Missouri**, sem utilização de legendagem, que subentende que os personagens tudo entendem.

O que então se censurou é uma das marcas desse realismo: o diálogo quase “duplicado” com a presença de Menjou para que os personagens se entendam (o que leva a um dos *gags* mais divertidos do filme: Gable preparando-se para a sua noite de núpcias com a noiva índia, sem perceber a razão da sua fúria, e Menjou, trocista, referindo-se ao seu aspecto. Este realismo de **Across the Wide Missouri** encontra-se também na própria força física do filme, nos limites de resistência dos personagens, nos seus costumes e confraternizações: toda a sequência inicial é absolutamente espantosa, a dos caçadores na aldeia índia, a festa antes do casamento, as bebedeiras, o baile e a pancadaria. Rigorosamente nada se passa nesta sequência, mas é uma das mais “cheias”, mais poderosas da obra de Wellman. E todo o filme segue por este caminho, impondo um olhar sereno sobre os homens e a paisagem, sem arroubos líricos (apesar da magnificência das paisagens captadas magistralmente pela câmara de William C. Mellor), nem devaneios épicos ou melodramáticos: a morte da mulher de Gable, a brevidade dos combates e aquele insólito e surpreendente duelo final. Mesmo remontado, cortado e pirateado, **Across the Wide Missouri** apresenta uma força invulgar, deixando antever que poderia(á) ter sido uma das obras maiores de William A. Wellman.

Manuel Cintra Ferreira